



Dossiê

“Outras crianças”: nossos discursos. Reflexões sobre a clínica com crianças imigrantes

Ligia Rufine Nolasco; Andressa Carvalho Castelli; Ilana Mountian

Resumo. Este artigo pretende trazer reflexões para a clínica, com foco na relação com a alteridade a partir da experiência no trabalho com crianças imigrantes na cidade de São Paulo. Considerando que na contemporaneidade as crianças são interpeladas, cada vez mais, por discursos objetificantes, o propósito é refletir sobre como tais discursos operam na interseção com discursos sobre imigração e como estes afetam a prática clínica. Para tanto, este estudo retomará a discussão da infância como uma categoria histórica, social e política e analisará discursos específicos sobre a criança imigrante no contexto escolar e na saúde mental. Esta análise contribui ao debate sobre a escuta na clínica, na qual ressaltamos a reflexão sobre alteridade e a importância em considerar o contexto social do sujeito, assim como o ideal de infância que está em cena, na sua relação com as categorias de gênero, raça, classe e imigração.

Palavras-chave: infância; imigração; clínica; alteridade.

"Otros niños": nuestros discursos. Reflexiones sobre una clínica con niños inmigrantes.

Resumen. Este artículo tiene como objetivo traer reflexiones a la clínica en relación con la otredad mediante los diversos desafíos experimentados al trabajar con niños inmigrantes en la ciudad de São Paulo. Entendiendo que en los tiempos contemporáneos los niños son cada vez más interpelados por discursos objetantes, el propósito es reflejar sobre cómo tales discursos operan en la intersección con la condición de inmigrante y también, cómo afectan la práctica clínica. Con este fin, este estudio reanuda la discusión de la infancia como categoría histórica, social y política y analizará ciertos discursos sobre la niñez inmigrante en el contexto escolar y en la salud mental.

* Psicanalista e integrante do Grupo Veredas. Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política da Universidade de São Paulo (PSOPOL-USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lirufine@gmail.com

** Psicanalista. Supervisora no Grupo Veredas e membro da coordenação da rede de cuidados de saúde para migrantes e refugiados. Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política da Universidade de São Paulo (PSOPOL-USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: andressacastelli@usp.br

***Docente do Instituto de Psicologia e pesquisadora do Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política da Universidade de São Paulo (PSOPOL-USP), membro do Discourse Unit e membro do Fórum do Campo Lacaniano, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: imountian@yahoo.com

Este análisis proporciona la base para el debate sobre la escucha en la clínica, en el que pretendemos enfatizar la importancia de considerar el contexto social del sujeto, así como el ideal de la infancia que está en escena, en su relación con las categorías de género, raza y clase y, en este trabajo, la inmigración.

Palabras clave: infancia; inmigración; clínica; alteridad.

“Other children”: our discourses. Reflections on the clinic with immigrant children

Abstract. This article aims to bring reflections on the clinical listening, focusing on the debate on otherness, from the experience of the work with immigrant children in the city of Sao Paulo, Brazil. Considering that children are increasingly interpellated by objectifying discourses, this paper aims to reflect on how these operate at the intersection with discourses on the immigration, and how these affect the clinical practice. Therefore his study will review the debate on childhood as a historical, social and political category and will analyse specific discourses on the immigrant child in the educational and mental health contexts. This analysis contributes to the debates on the clinical listening, in which we highlight the importance of the Otherness in the clinic, taking into account the social context of the subject, as well as the ideal of childhood at play, in the relation with the categories of gender, race, class and immigration.

Keywords: childhood; immigration; clinic; otherness.

“Autres enfants”: nos discours. Réflexions sur la clinique avec des enfants immigrés

Résumé. Cet article vise à apporter des réflexions sur l'écoute clinique, centrées sur le débat sur l'altérité, à partir de l'expérience du travail avec des enfants d'immigrés dans la ville de Sao Paulo, Brésil. Considérant que les enfants sont de plus en plus interpellés par des discours objectivants, cet article vise à réfléchir sur la manière dont ceux-ci fonctionnent à l'intersection avec les discours sur l'immigration, et comment ceux-ci affectent la pratique clinique. Son étude passera donc en revue le débat sur l'enfance en tant que catégorie historique, sociale et politique et analysera des discours spécifiques sur l'enfant immigré dans les contextes éducatif et de santé mentale. Cette analyse contribue aux débats sur l'écoute clinique, dans lesquels nous soulignons l'importance de l'altérité en clinique, en tenant compte du contexte social du sujet, ainsi que de l'idéal d'enfance en jeu, dans le rapport aux catégories de sexe, de race, de classe et d'immigration.

Mots-clés: enfance; immigration; clinique; altérité

A clínica com crianças imigrantes oferece desafios (como a língua, deslocamentos, diferenças culturais, entre outros), e ao mesmo tempo revela elementos fundamentais para a reflexão da prática psicanalítica e psicológica. Tanto a infância quanto a imigração são temas que tocam debates sobre alteridade, desde a produção do Outro, quanto as possibilidades de escuta do sujeito. O campo de estudos sobre a infância demonstra como o próprio entendimento de infância é situado histórica, social e culturalmente, assim como visto nos discursos sobre imigração.

Este trabalho se propõe a discutir sobre as crianças em situação de imigração e os desafios e contribuições à clínica, considerando esse contexto para refletir sobre as possíveis consequências que a condição de imigrante produz no laço social e no cuidado recebido, assim como na própria experiência do que é ser criança. Os fluxos migratórios e os diversos conflitos sociais e políticos que permeiam essa questão nos fazem retomar a importância de debater essa temática, compreendendo a sua complexidade e sua relevância ao examinar as infâncias nos dias atuais. Assim, para que possamos pensar acerca dos dilemas que envolvem a infância na contemporaneidade, imigração e alteridade, retomamos, primeiramente, algumas reflexões sobre os ideais de infância presentes em nossa época, assim como os possíveis espaços que

destinamos a elas em nossa sociedade. Na sequência, focaremos no debate sobre a infância em condições de imigração, centralizando na discussão sobre a infância contemporânea e seu constante processo de assujeitamento frente aos discursos sociais vigentes. Afinal, quais são os lugares destinados às crianças imigrantes? Há algo nessa condição que atravessa o olhar sobre o que é ser criança? Estes debates formarão a base para as reflexões sobre a escuta clínica e alteridade.

“Nossas crianças”: infância e alteridade

Para este debate, partiremos de experiências de nossos trabalhos realizados nos contextos educacional e da saúde mental na cidade de São Paulo. Estes trabalhos foram feitos via Grupo Veredas,¹ que, com referencial psicanalítico, promove intervenções na área da imigração, contribuindo aos debates clínicos em relação a migração e refúgio, em cenários diversos.

Retomamos um encontro ocorrido no ano de 2018 entre integrantes do Grupo Veredas e alguns diretores de escolas municipais da cidade de São Paulo, sobre a questão da imigração nas suas escolas. Esses diretores relataram que estavam recebendo um grande número de crianças imigrantes e acreditavam ser urgente propor ações para sanar as questões escolares que a chegada desses novos alunos estaria ocasionando. As reclamações dos professores eram variadas: não queriam as crianças imigrantes nas salas de aula, principalmente devido à dificuldade de diálogo e aprendizagem dada pela incompreensão da língua (por parte dos alunos e dos professores). Ainda, trouxeram reclamações dos professores de que as crianças imigrantes não possuíam higiene adequada, o que tornava incômoda a aproximação, e também sobre como as diferenças culturais diversas impactavam o cotidiano escolar.

Foi durante essa reunião que percebemos algumas diferenças na forma como as crianças eram nomeadas: os diretores, ao se referirem às crianças brasileiras, chamavam-nas de “nossas crianças”, ao passo que as imigrantes eram tomadas como “as outras”. Essa forma de designar as crianças trouxe algumas indagações em um contexto em que as discussões eram pautadas justamente na possibilidade de viabilizar um cuidado e garantir o processo educacional sem que a questão da imigração se tornasse um entrave. Como sustentar a inserção dessas crianças e seu cuidado sem desconsiderar sua condição de imigrantes, mas não as reduzindo a essa condição? Quais os cuidados e olhares que depositamos a elas a partir da diferença “nossas” e “outras”?

Essas nomeações, com que nos deparamos ao perceber as diferentes formas de compreendermos as crianças e cuidarmos delas, demonstram também diversos modos de entendimento da infância, o que torna fundamental a sua contextualização. Ou seja, é preciso tomarmos a infância não como um dado natural, reduzindo-a a um período de maturação biológica do ser humano, mas fundamentalmente constituída por valores sociais, culturais e políticos, que atravessam o olhar sobre o que é ser criança e os consequentes lugares que disponibilizamos a elas (Burman, 2008).

A obra do historiador Philippe Ariès ([1960] 2012) é de grande relevância para discutir a infância como uma categoria histórica. Através de um vasto trabalho histórico, o autor discorre sobre a presença das crianças na vida social e política e suas transformações ao longo dos séculos, desde a Idade Média. Ariès traz luz à percepção de que a forma como tratamos as

¹ O Grupo Veredas é um projeto de extensão universitária integrado ao Laboratório de Psicanálise e Sociedade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Tem como proposta a intervenção clínica em espaços compostos por sujeitos que foram afetados por questões sociais e políticas e deixaram o seu país de origem, passando a viver no Brasil.

crianças se modifica no decorrer do tempo, fazendo emergir sentimentos novos. Ele contribuiu por tomar a infância como um objeto histórico, apesar dos debates acerca da sua metodologia e resultados (Pujó, 2006). Sendo assim, partimos da perspectiva da infância compreendida como uma categoria construída ao longo da história, que responde aos determinantes políticos, culturais, sociais e econômicos de sua época.

Nesse sentido, a concepção contemporânea, tão difundida e naturalizada nos dias atuais, de que a infância é um período feliz por excelência, marcado por alegrias e aventuras, precisa ser problematizada, pois ela é também efeito das transformações sociais e dos ideais dos adultos modernos. Pujó (2006) trouxe uma importante contribuição para refletirmos sobre o lugar da criança em nosso tempo, considerando a complexidade que envolve o tema e buscando evitar uma resposta única e determinista. Diante dessa complexidade, o autor aponta a necessidade de levar em conta as transformações sociais e os efeitos das dinâmicas no sistema capitalista, que modificaram o lugar da criança na família e na sociedade. Para Pujó (2006), com a passagem do feudalismo para o capitalismo, o acúmulo de riqueza pela burguesia exigiu um novo paradigma para a transmissão dos privilégios, oriundos da acumulação do capital, e não mais pautados primordialmente nas origens familiares, característica da nobreza, mas, fundamentalmente, visando um olhar para o futuro. Esse olhar para o futuro teve efeitos sobre o olhar para as crianças, trazendo uma nova configuração para elas no âmbito familiar e no ideal da sociedade: passaram a ser o centro das famílias, herdeiras, investidas pelos sonhos dos adultos, fazendo emergir os ideais de felicidade e proteção (Pujó, 2006). Nesse sentido, as transformações demográficas e sociais tornaram ainda maior a preocupação com o cuidado dispensado às crianças (Hansen, 2006).

A partir da presença das crianças no imaginário social, várias teorias foram elaboradas, com perspectivas muitas vezes distintas sobre as crianças e com grande relevância na sociedade. Com isso emergiu o desenvolvimento de especialidades médicas, educacionais, psicológicas, assim como nichos de mercados especializados no público infantil. Cada vez mais o saber tradicional, familiar, foi desvalorizado, a favor das ciências, que passaram a definir as melhores práticas de cuidado em relação às crianças. Contudo, cumpre refletir que existem determinantes políticos e econômicos que sustentam e legitimam determinadas abordagens científicas e, conseqüentemente, as políticas de cuidado correspondentes, daí a importância de interrogarmos de que maneira as crianças são compreendidas a partir da ciência que dela se ocupa. Uma reflexão importante, considerando essas diferentes formas de olhar para a criança, refere-se à pergunta sobre de que lugar as crianças estão sendo escutadas. Tomadas como sujeito ou objeto dos discursos científicos em questão (Voltolini, 2016)? Esse é um aspecto fundamental para se considerar no trabalho clínico: o ideal de infância que está em jogo, e como esse ideal opera em relação às categorias de gênero, raça, sexualidade, classe e, aqui, imigração. A visão sobre a criança pode ser compreendida com base em diferentes perspectivas, muitas vezes como sujeito e outras como objeto, dependendo da abordagem. No entanto, é possível observar que alguns discursos sobre as crianças prevalecem, e, para além do saber médico, elas vêm sendo cada vez mais motivo de debates e de disputas pelo universo jurídico e pelo mercado e, nesse cenário, muitas vezes interpeladas por um processo de objetificação, havendo, portanto, o risco de homogeneização e naturalização de experiências distintas.

Nesse sentido, permanece o questionamento se esses discursos levam em conta a pluralidade de experiências sobre o que é ser criança, em uma sociedade marcada por desigualdades sociais, de classe, gênero e raça. Essa consideração nos conduz a uma posição ética sobre a infância, que precisa ser circunscrita por um significante que a nomeie enquanto tal (Katz, 2019), um

conceito e uma proposição; trata-se, por conseguinte, de infâncias, no plural, que marcam as diferentes possibilidades de ser criança em um contexto social tão diverso. Essa nomeação da infância torna-se importante, pois o não reconhecimento da diversidade das infâncias pode levar a afirmar que há apenas um lugar ideal e narcísico dos adultos e sua crença de que protegem todas as infâncias (Katz, 2019):

A reserva do significante *infância* apenas para nomear a infância que confirma os ideais de cada época, proporciona a instituição de um engodo e contribui para manter de pé a ficção de que protegemos todas as crianças. Por essa razão torna-se urgente afirmar que essas crianças têm sim infância, mas em um país que distingue diferentes infâncias. (Katz, 2019, p. 5).

Assim, questionamos os efeitos de tal divisão discursiva, em que o “nossas” se referiria às crianças protegidas por carregarem os signos do futuro, e às quais atribuiríamos afeto e amor, ao passo que as “outras” diriam respeito àquelas que não possuem essa marca. Katz (2019) desenvolve esse aspecto no estudo das crianças da Maré denominadas pela autora como *matáveis*, ou crianças *sacer*. Em que lugar estariam as crianças imigrantes nas escolas brasileiras? A condição de imigração as colocaria em qual espaço discursivo? Revisar, portanto, a maneira pela qual os ideais referentes às crianças se dão em nossa sociedade é importante tanto para a análise dos laços sociais quanto para o desenvolvimento de políticas públicas. Cumpre considerar que o sujeito se constitui no tempo histórico e na cultura em que está inserido, e é a partir desses lugares que as crianças passam a responder – seja para negá-los, afirmá-los ou transformá-los (Katz, 2019). Dessa forma, compreender o lugar designado à infância e à concepção que a circunda se torna fundamental para refletirmos sobre o cuidado prestado às crianças imigrantes em diferentes contextos:

A criança é legítimamente um objeto da história, não tanto por ser um objeto histórico, quanto porque evidencia ser, nas características que lhe são atribuídas, nos atributos que se predicam a ela, nos modos em que se acomoda a essas atribuições e nas formas como responde a elas (respondendo inevitavelmente também sempre a partir delas), uma construção histórica. A criança é assim vista desde um lugar de onde logo ela mesma se vê, reafirmando o valor constituinte atribuído ao Outro que a precede e condiciona seu surgimento. (Pujó, 2006, p. 19, tradução nossa).²

Nesse sentido, compreendendo que a experiência sobre ser criança é marcada por valores sociais e históricos, podemos nos indagar acerca do que é ter uma infância na condição de imigração e quais os lugares que estamos designando a elas em nossa sociedade. Se na contemporaneidade os discursos sociais tendem a objetificar a infância, a partir de um ideal social de felicidade e proteção, estariam as crianças imigrantes ainda mais suscetíveis a essas questões em função da sua condição de imigrante? Na escuta clínica esses atravessamentos sociais devem ser também considerados. Esse desafio não é empreendido sem impasses e contradições, pois alerta sobre o risco da estigmatização e generalização. É fundamental, portanto, manter a escuta do sujeito.

² El niño es legítimamente un objeto de historia, no tanto por ser un objeto histórico como porque evidencia ser, en las características que se le atribuyen, en los atributos que se predicam de él, en los modos en que se acomoda a esas atribuciones y en las formas en que responde a ellas (respondiendo inevitablemente también siempre desde ellas) una construcción histórica. El niño es así mirado desde un lugar donde luego él mismo se ve, reafirmando el valor constituyente acordado al Otro que lo precede y condiciona su advenimiento (Pujo, 2006, p. 19).

Essa escuta deve estar aberta a questionar os pressupostos e conceitos de infância e migração que sustentam as interpretações e intervenções (Mountian, 2017). Precisa ser capaz de reconhecer a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2015), levando em conta os aspectos contextuais e seus efeitos sobre o psiquismo, mas sem reduzi-los a essa dimensão. Necessita uma localização dos laços, redes e pontos de ancoragem (Seincman, 2017) que situam esse sujeito, buscando entender como ele é interpelado pelos discursos do Outro (Mountian & Rosa, 2015).

“Outras crianças”: linguagem e escuta

Para aprofundarmos a análise da criança imigrante como “outra” no discurso, nós nos centraremos na questão da linguagem, que condensa as complexidades idiomáticas, e tendo em mente a importância da linguagem para a constituição do sujeito. Para isso, utilizaremos dois fragmentos a partir da observação do trabalho que desenvolvemos via Grupo Veredas: o primeiro tratará de mais alguns apontamentos sobre a divisão “nossas crianças e outras crianças”; e o segundo se deterá no caso que chamaremos de “criança-máquina”, em que elaboraremos a análise crítica sobre a linguagem e a patologização.

Pensando na dimensão performativa da linguagem, consideramos as mudanças do conceito de infância para a análise da infância em deslocamento; ou seja, tratamos discursos como engendrando modos de subjetivação, e o contrário também é verdadeiro. Nesse sentido, além de apontarmos a importância de se respeitarem especificidades dos grupos minoritarizados (Chantler, 2007), levantamos observações críticas sobre as possibilidades de escuta na prática clínica, propondo uma reflexão acerca dos discursos e analisadores que comumente utilizamos para nos aproximarmos da questão das crianças imigrantes.

Trata-se de um exercício epistemológico que entende que a própria construção de um saber reflete e produz algo sobre e sob seu contexto histórico (Haraway, 1995). Inspiradas na metodologia proposta por Mountian (2015; 2019), em que a autora procura fazer uma análise a partir da fixidez discursiva de posições históricas que endereçam a alteridade, identificamos alguns fragmentos em que um discurso relega ao sujeito um lugar de objeto, inscrevendo uma cena de interpelação reificante.

Para a psicanálise, é conhecida a importância das cenas de interpelação através da relevância dada aos significantes na constituição psíquica dos sujeitos: o inconsciente se estrutura como uma linguagem (Lacan, 1957-58/1999). A infância se configura como um período sensível às interpelações de um Outro, visto que o sujeito ainda está em processo de elaboração de um repertório singular através do qual possa enunciar e relatar a si mesmo.

De acordo com Rosa *et al.* (2009), a própria dinâmica do fluxo migratório implica a dimensão desejante, convocando o sujeito a se ver com múltiplos símbolos. Portar simultaneamente os referenciais da cultura de origem e também do país de acolhida amplia as possibilidades narrativas de um sujeito, ao mesmo tempo que o convoca a um impasse no nível da sua fantasia: o sujeito tanto pode se apegar defensivamente aos valores do país de origem ou de acolhida, ou mesmo não encontrar pontos de ancoragem dentre esses referenciais para se situar. As autoras pontuam como esses movimentos se relacionariam, respectivamente, com os aspectos metafóricos e metonímicos do desejo, estando o primeiro vinculado a um processo de cristalização e o segundo a uma modalidade de desenraizamento. Aqui, na vitalidade do

funcionamento psíquico, esses processos estão correlatos, uma vez que, dissociados, acabam por afetar as posições de reconhecimento do sujeito no laço social.

O psicanalista francês Jacques Hassoun (1996), em sua obra *Os contrabandistas da memória*, apresenta a questão da transmissão cultural entre diferentes gerações de migrantes através de fragmentos clínicos. Ele sustenta que as modalidades de transmissão da cultura e da história familiar influenciam singularmente as saídas identificatórias dos sujeitos e sua própria fantasia. Em análise e categorização das modalidades de transmissão, o autor leva em consideração aquilo que é dito e não dito, enfatizando o poder enigmático das mensagens tácitas sobre o psiquismo. Isso nos leva a pensar que analisar a maneira como as instituições e discursos se organizam é fundamental para compreendermos que tipo de transmissão e lugares de reconhecimento atuam quando, de partida, as crianças migrantes são relegadas ao lugar de “outras”.

Dessa maneira, notamos que a articulação entre infância e migração coloca em questão a fantasia e os próprios processos de reconhecimento, na medida em que algo de novo se constitui enquanto referencial ou coordenada subjetiva para a criança; mas também nos faz pensar sobre as nossas próprias fantasias ou o modo como nomeamos e organizamos saberes a partir de discursos que permeiam a vivência das crianças migrantes.

Refletimos sobre uma cena em que uma reunião provocada para pensar modalidades de inclusão das crianças migrantes no sistema escolar brasileiro rapidamente fez comparecer uma fronteira discursiva que se sustenta na distinção entre “nós x eles”: “não possuem higiene”, “não se comunicam adequadamente”. Um primeiro movimento, como indica o estudo de Woodward (2000) sobre a constituição da identidade e da diferença, faz com que a alteridade seja posicionada *a priori* a partir do lugar de exclusão. Aqui, discursos com base em índices sanitários e relativos à aprendizagem são utilizados como categorias normativas em relação às quais as crianças migrantes estariam em débito.

Essas categorias empregadas historicamente podem situar os migrantes em lugares discursivos específicos, correndo o risco de promover exclusões. Tal processo passa muitas vezes pela redução da complexidade do sujeito, a uma dimensão biologizante. A eleição de critérios como o “cheiro” e a “dificuldade de comunicação” pode invisibilizar o sujeito na sua condição de desejo e apaga aspectos relativos à sua historicidade e biografia.

Tomando a análise dos discursos sobre limpeza e modernidade em relação a imigrantes, uma série de aspectos podem estar presentes na cena citada; no entanto, com o intuito de chamar a atenção para a não reprodução de discursos excludentes, focamos aqui numa análise discursiva sobre limpeza que remete a repetições históricas específicas. É relevante notar, por um lado, as diferenças culturais e sociais nos hábitos relacionados à higiene e ao cuidado; por outro, o modo como a ideia de limpeza toca uma repetição discursiva colonial, como um símbolo de modernidade. De acordo com McClintok (1995), essa repetição articula algo sobre a própria relação entre o cuidado e a higiene nos liames do espaço público e privado, definindo limites de pertença e reconhecimento. O “cheiro diferente” também pode ficar previamente atrelado a um suposto desleixo ou falta de cuidado da família para com a criança, correndo o risco de colocar os responsáveis numa condição acusatória e subalternizada. O cuidado deve ser considerado também em sua dimensão afetiva, e quando rapidamente reduzido apenas a uma lógica disciplinar e tutelar, pode se reverter em práticas higienistas, que, neste caso, elaboramos em relação aos debates sobre repetições discursivas coloniais. Na análise de discurso sobre o sabão, enquanto uma insígnia colonialista, McClintok (1995, p.208) destaca:

A saga do sabão capturou uma afinidade oculta entre domesticidade e império e incorporou uma crise triangular de valor: a *subvalorização* do trabalho das mulheres no âmbito doméstico, a *supervalorização* da mercadoria no mercado industrial e o repúdio (*disavowal*) das economias colonizadas na arena do império³.

Assim, dois aspectos são levantados: primeiro, a importância de considerar as diferenças no entendimento de higiene e saúde; e segundo, como o discurso sobre higiene pode ser também utilizado como uma forma de demarcar o Outro.

Para além do âmbito escolar, esses discursos inspiram, no sentido foucaultiano, práticas disciplinares e pedagogias específicas de correção e adequação dos sujeitos tidos por “indesejados” e/ou “anormais” (Foucault, 1974-75/2001). É nesse processo que um saber alienante produzido pela nossa própria sociedade interpela a criança não como um sujeito, mas como objeto de uma política tutelar específica, transmitindo para ela o lugar reificado e generalizado de “outra”.

O discurso a respeito da “dificuldade de comunicação”, se tomado a partir de uma perspectiva capacitista, pode fazer comparecer uma perspectiva baseada numa suposta capacidade cognitiva psíquica interna e quase inata de cada pessoa, algumas produções discursivas que se ligam simultaneamente ao universo da infância e da migração. O discurso recorrente a respeito da neuroplasticidade cerebral infantil e da facilidade na aprendizagem de diversas línguas coloca sob julgamento o tempo singular de fala de cada criança, quando não patologiza a criança migrante a partir de um rápido diagnóstico arbitrário de autismo.

Algumas pesquisas recentes (Branco, 2020; Primo & Rosa, 2019) mencionam o aumento no número de encaminhamentos de crianças migrantes aos CAPS infantis (Centro de Atenção Psicossocial), tendo como principais demandantes os professores das escolas de ensino fundamental, a partir da pressuposição de que a dificuldade da criança em se relacionar e falar português seria um indício de “anormalidade” no desenvolvimento.

Em um dos nossos espaços de atuação clínica, no contexto de uma reunião multiprofissional de rede num CAPS infantil, nos foi relatada pela equipe da instituição uma preocupação a respeito da alta demanda por um psicodiagnóstico para crianças migrantes, tendo como disparador o caso de uma criança migrante que não falava, mas apenas reproduzia um determinado som. Esse som foi associado pela equipe a uma reprodução, por parte da criança, do barulho feito por uma máquina de costura; e, neste caso, a oficina de costura em que seus pais trabalhavam era o principal espaço de convivência no qual ela estava inserida.

O encaminhamento da criança migrante ao CAPS infantil mostra como um discurso sobre as “outras crianças” implicará práticas que ultrapassam os muros da própria escola, vinculando suas rotas a um encaminhamento que demanda que uma criança que apresenta algo não inteligível à instituição seja possivelmente nomeada por um diagnóstico.

O desenvolvimento da linguagem aparece como um critério nosográfico importante na avaliação psicodiagnóstica de autismo; entretanto, é interessante notar que, quando o assunto é migração, uma confusão entre a aquisição do idioma e o desenvolvimento da linguagem pode operar.

A redução da linguagem ao idioma e à própria fala invisibiliza sua dimensão de endereçamento: a superexposição dos pais da criança à máquina de costura implica um

³ Tradução nossa de: “*The soap saga captured the hidden affinity between domesticity and empire and embodied a triangulated crisis in value: the undervaluation of women’s work in the domestic realm, the overvaluation of the commodity in the industrial market and the disavowal of colonized economies in the arena of empire*” (McClintock, 1995, p. 208).

investimento no objeto que lhe eleva o estatuto, uma vez que a máquina se torna um símbolo de subsistência assim como de troca.

O contexto precário, que pode impelir uma criança migrante a emular o som de máquina para se fazer reconhecível, poucas vezes é incluído como um elemento na prática clínica. Além disso, os próprios saberes produzidos pelas pessoas envolvidas no fenômeno em questão são comumente desconsiderados ou desmerecidos, na medida em que passam a ser escutados como uma “produção fantasiosa”.

Num trabalho sobre a “confusão de línguas”, Ferenczi (1933/2006) elabora análises sobre alguns desencontros produzidos entre a interpretação dos adultos em relação às cenas vivenciadas pela criança e aquilo que a própria criança experimenta enquanto realidade psíquica. Em suas conclusões, o autor explicita como essas interpretações dos adultos possuem um potencial iatrogênico, à medida que deslegitimam a importância de um elemento que integra a realidade psíquica da criança. O conflito entre essas duas versões se transforma numa confusão, em função do papel de referência que o adulto representa para a criança: com medo de não ser amada pelo adulto, ela sacrifica em si algo de sua própria realidade psíquica, identificando-se com e legitimando a versão que lhe foi oferecida, para que um reconhecimento seja possível.

Essa condição de reconhecimento forjada, que faz com que a criança acabe por legitimar ou se identificar com uma interpretação do universo adulto para ter a chance de ser reconhecida, adverte sobre o cuidado que precisamos ter em relação aos nossos discursos ao interpelar a temática da infância migratória. As crianças não devem acreditar que precisam fazer parte de um “outro universo” para pertencer a uma sociedade em que os próprios padrões de “cuidado” promovem negligências múltiplas, quando não levam em consideração suas heranças coloniais e expressões hegemônicas.

Por fim, a temática da infância migratória aparece repleta por esses ruídos ininteligíveis que ressoam principalmente algo sobre os limites da nossa escuta e sobre as fronteiras discursivas invisíveis (Primo & Rosa, 2019). Isso adverte que o exercício da clínica que pretenda trabalhar com as crianças migrantes deve problematizar e localizar suas próprias hipóteses antes de transformá-las rapidamente numa questão inerente ao “Outro”.

Considerações finais

A escuta clínica de crianças imigrantes coloca uma série de complexidades e dilemas em jogo, revelando possibilidades de escuta e a importância de se considerar o contexto social do sujeito. Os campos da infância e adolescência põem em destaque dinâmicas relativas à alteridade, tanto da produção do Outro, quanto da forma como este pode ser escutado na sua diferença, evitando a rápida patologização e a individualização dos sujeitos, as quais poderiam (re)produzir espaços de separação e objetificação deles.

Neste artigo, tomamos discursos sobre aquisição de língua e higiene (cultura) como significantes da diferença; não se trata obviamente de negar as dificuldades da aquisição de novas línguas e de entendimento de diferenças culturais, mas, sim, de fazer um alerta sobre como discursos sobre a língua e a cultura podem ser utilizados de uma forma que reforça diferenças hierárquicas. Significantes tomados como dados e “naturais”, e não como também localizados socialmente, podem operar nos diagnósticos rápidos e na objetificação das crianças, não considerando o contexto social em que esses sujeitos se encontram. Na clínica, a

psicanalista é defrontada com essas complexidades, sendo fundamental manter a escuta do sujeito, a partir de uma implicação ética que seja capaz de questionar quais conceitos de infância e migração baseiam essa atuação, pensando na posição do sujeito nesse discurso, levando em consideração seu contexto e como as categorias de gênero, raça, classe, idade e outros operam, sem patologizar seus modos de fazer laço.

Referências

- Ariès, P. (2012). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro, RJ: LTC. (Original publicado em 1960).
- Branco, A. (2020). *Autista ou imigrante: uma etnografia dos processos de patologização da alteridade*. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil). No prelo.
- Burman, E. (2008). *Child, image, nation*. London: Routledge.
- Chantler, K. (2007). Border crossings: nationhood, gender, culture and violence. *International Journal of Critical Psychology*, London, 20, 138-166. Recuperado de <http://clonk.uclan.ac.uk/6812/>.
- Ferenczi, S. (2011). *Confusão de línguas entre crianças e adultos. Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Foucault, M. (2001). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Edição estabelecida por Valerio Marchetti e Antonella Salomoni, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- Hansen, L. (2009). A invenção da criança. In *Mente e cérebro. A mente do bebê: o fascinante processo de formação do cérebro e da personalidade* (vol. 4, pp. 74-81). Rio de Janeiro: Duetto.
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, (5), 7-41. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
- Hassoun, J. (1996). *Los contrabandistas de la memoria*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor.
- Katz, I. (2019). Infâncias: uma questão para psicanálise. In *Saúde mental infante-juvenil: territórios, políticas e clínicas de resistência*. (pp. 85-97). Santos: Unifesp/Abrasme. Recuperado de: <https://www.unifesp.br/campus/san7/images/pdfs/Saude%20Mental%20Infantojuvenil.pdf>
- McClintock, A. (2010). *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Mountian, I. (2017). Reflexões sobre metodologias críticas em pesquisa: interseccionalidade, reflexividade e situacionalidade. *Revista Psicologia Política*, 17(40), 454-469. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X201700030005&lng=pt&tlng=pt.
- Mountian, I. (2019). Relações fetichizadas: A produção do Outro nas relações coloniais. *Michoacán. Teoría y Crítica de la Psicología*, (13), 205-219. Recuperado de: <file:///Users/marisebartolozzibastos/Downloads/Dialnet-RelacoesFetichizadas-7005698.pdf>

- Mountian, Ilana, & Rosa, Miriam Debieux. (2015). O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicologia USP*, 26(2), 152-160. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150001>
- Primo, J. S., & Rosa, M. D. (2019). Fronteiras invisíveis: alteridade e lugares discursivos. Rondônia. *Culturas & Fronteiras*, 1(001), 25-42. doi: <https://doi.org/10.29327/211038>
- Pujó, M. (2006). *Para una clínica de la cultura*. 1ª ed. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Rosa, M. D. (2015). *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Tese de livre-docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Disponível em <https://psicanalisenpolitica.files.wordpress.com/2014/06/psicanc3a1lise-cultura-e-polc3adtica-livre-docencia-maio-2015impresso.pdf>
- Rosa, M. D., Berta, S. L., Carignato, T. T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 497-511. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000300006>.
- Seincman, P. M. (2019). *Rede transferencial e a clínica migrante: psicanálise em urgência social*. São Paulo, SP: Escuta.
- Voltolini, R. (2016). A psicanálise na sociedade de ímpares. In R. Voltolini (Org.), *Crianças públicas, adultos privados* (pp. 39-56). São Paulo, SP: Escuta/Fapesp.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis, RJ: Vozes.

Revisão gramatical: Ieda Lebensztayn
E-mail: biolito@gmail.com

Recebido em julho de 2020 – Aceito em outubro de 2021.